dogmática do discurso sobre Deus. Antes leva consigo, de início, uma certa alusão de destinatário que, no caso, será o que designamos pela palavra «Deus». Um Deus que o autor considera ser a fonte simbólica de um misterioso apelo, por isso mesmo tendo estado sempre, mesmo que eventualmente sem a atribuição de um nome, no horizonte da sua reflexão, como também no da sua experiência existencial da vida. E que, ao mesmo tempo, interdita toda a tentação de, na nossa reflexão, nos apropriarmos dele. Trata-se sempre de um fazer caminho, pelo homem concreto, no qual experiência e reflexão ou pensamento são levados até ao limite deles mesmos: «ali onde a busca da realidade se experiencia inseparável de uma marcha para o desconhecido que impele para fora dos seus muros o homem de desejo» (p. 13).

Que é então a teologia – questiona o autor – senão esforço por se deixar conduzir por essa dinâmica interior, confiando-se o mais fielmente possível à verdade primeira de uma auto-revelação divina atestada em sinais da natureza e da história? Mas essa fidelidade, não será que ela exige, por sua vez, um esforço de investigação crítica (ou de conjugar o *Lógos* dos filósofos com o *Theós* da religião)? A sua resposta prática, assume o mesmo autor, tem sido a de examinar se e procurar saber como será possível, através de um discurso filosófico, «fazer ou deixar passar na argumentação coerente de um discurso "logicamente" articulado o sopro de uma Palavra que excede "poeticamente" os esforços de objectivação racional». Pressupondo uma certa tensão entre o discurso filosófico e o teológico, tenta então fazer um certo caminho que da filosofia tende a conduzir à teologia.

O livro consta de quatro capítulos. O primeiro e o quarto procuram precisar a articulação entre inspiração religiosa e reflexão filosófica. O primeiro, seguindo um exame e um discurso mais objectivos; o quarto, arriscando uma reflexão mais existencial. No meio, o autor prossegue uma reflexão semelhante, mas aqui centrando-se em duas tradições históricas postas em contraste. Através do seu reexame, lembra à inteligência teológica da fé as dimensões «fundamentais» da sua responsabilidade (cap. II), recolhendo em seguida os distanciamentos filosóficos que atestam, a seu modo, a importância da reflexão racional (cap. III). Com abundante bibliografia.

F. Guibal é professor jubilado na Universidade Marc-Bloch em Estrasburgo.

Jorge Coutinho

Heaney, Maeve Louise, **Music as Theology. What Music Says about the Word**, «Princeton Theological Monograph Series», Pickwick Publications, Eugene (Oregon – USA), 346 p., 230 x 150, ISBN 978-1-61097-450-9.

Um título algo estranho e que, como admite a autora, pode mesmo parecer pretensioso. E todavia, a mesma autora ousou assumi-lo. E mais: fê-lo tendo consciência explícita de que a teologia é, conforme a conhecida fórmula de Santo Anselmo, «a fé em busca da sua compreensão», convicta de que efetivamente a música pode prestar o seu contributo à compreensão da fé, por mais que este seja muito diferente daquele que lhe é prestado pela linguagem conceptual. É-lhe complementar, sendo que «há aspetos do Logos, ou do nosso Deus feito Palavra encarnada, que são melhor expressos através da música, e que a teologia fará bem integrando esta forma simbólica de expressão» (Introducion).

Sem pretensão de oferecer aqui uma explicação e justificação completas de como é que a música fala de Deus e das coisas da fé, Maeve Louise Heaney – religiosa da Fraternidade Verbum Dei e professora na Universidade de Santa Clara, na Califórnia, de quem se publica um artigo neste fascículo de *Theologica* – tem em vista dois objetivos essenciais, que considera distintos mas inseparáveis: por um lado, a capacidade da música para dizer algo do Verbo e, por outro, o seu papel como teologia. Por outro lado, tem em consideração dois desafios fundamentais: primeiro, como relacionar interdisciplinarmente o estudo da música e a teologia; segundo, o de abordar adequadamente as diferentes pessoas ou públicos interessados nesta área.

Propõe-se então, «quanto possível» ou como quem oferece uma bússola para navegar no desconhecido, responder a estes desafios através de seis sucessivos capítulos: «Significado da música», «Para uma compreensão hermenêutica da música», «Uma aproximação à semiótica musical», «Para uma epistemologia teológica da música», «Estética teológica na teologia contemporânea» e «Teologia do Corpo de Cristo e música contemporânea». A autora tem muito presente, especialmente nos primeiros capítulos, a sua própria experiência e sensibilidade. Mas faz questão de sublinhar que, do princípio ao fim do seu livro está presente a fé no mistério da Encarnação como foco que ilumina a nossa fé e que ajuda a compreender como a Palavra divina também pode andar encarnada na música.

Um livro com particular interesse para quantos se dedicam à teologia fundamental. Com abundante bibliografia nas páginas finais.

Luís Salgado

Defois, Mgr Gérard, **Le pouvoir et la grâce. Le prêtre, du concile de Trente à Vatican II**, coll. « Théologies », Les Éditions du Cerf (www.editionsducerf.fr), Paris, 2013, 396 p., 210 x 135, ISBN 978-2-204-09459-7.

O lugar dos ministérios em geral e do sacerdócio ordenado em particular na Igreja e na sociedade, não obstante as clarificações trazidas pelo Concílio Vaticano II, não tem sido de fácil entendimento, mesmo nos tempos conciliares em que crises várias têm surgido, em plano individual mas também no coletivo. E mais difícil o foi na travessia dos tempos modernos, desde o século XVI. Mons. Gérard Defois – doutor em teologia e diplomado em sociologia, que foi secretario da Conferencia Episcopal Francesa, reitor da Universidade Católica de Lyon e Arcebispo de Sens-Auxerre, Reims e Lille – procede neste livro ao estudo das variações e dos conflitos a este propósito precisamente no decurso da modernidade.

Começando pela perturbação provocada pela dessacralização do padre operada pela Reforma e pela resposta do Concílio de Trento, detém-se nas essenciais posições teóricas e práticas até ao Vaticano II. Pensamento teológico e pastoral de grandes mestres, mas também testemunhas eminentes são aí apresentados com as pertinentes reflexões a propósito.

Em oito sucessivos capítulos, o autor estuda: o sacramento da ordem no Conc. de Trento; «o poder e a graça» segundo o Card. de Berulle, João Eudes, Vicente de Paulo e Lean-Jacques Olier; «o poder sem a graça» ou o sacerdócio católico reinterpretado pelas Luzes; a graça da fidelidade posta à prova (utilidade social da religião); «a graça sem o poder», com os testemunhos de João Maria Vianney e do P. Antoine Chevrier; «a graça posta à prova pelo poder»